

# PRÁTICAS E CULTURAS MEDIÁTICAS: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS MEDIA

Paula Eduarda Guimarães  
[eduardaquimaraes@gmail.com](mailto:eduardaquimaraes@gmail.com)

Universidade do Minho

Mestrado em Estudos da Criança – Tecnologias da Informação e Comunicação

Sara Pereira  
[sarapereira@ics.uminho.pt](mailto:sarapereira@ics.uminho.pt)

Universidade do Minho - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
Professora Auxiliar

## Resumo

Os media, e a televisão em concreto, desempenham um papel fundamental no processo de socialização das crianças. A família, ao mesmo tempo que assume o comando como principal agente socializador da criança, representa, também, o primeiro contexto no qual a criança interage com os media. Neste trabalho apresenta-se os resultados de um estudo realizado numa escola do 2º e 3º Ciclo – Escola EB 2/3 de Celeirós – no conselho de Braga, norte de Portugal, com uma amostra constituída por 98 alunos que frequentam o 2º Ciclo e com idades compreendidas entre os 9 e 14 anos, através de um questionário que pretendia recolher informação acerca das práticas mediáticas destas crianças e a existência, ou não, da mediação parental neste processo. Este estudo enquadra-se no Mestrado em Estudos da Criança – Tecnologias da Informação e Comunicação – da Universidade do Minho, em Braga, Portugal.

**Palavras-chave:** práticas mediáticas, televisão, crianças, mediação parental.

## Resumen

Los medios de comunicación, y la televisión en particular, juegan un papel clave en el proceso de socialización de los niños. La familia, al tiempo que asume el control como el principal agente de socialización de los niños, también representa el primer contexto en el que el niño interactúa con los medios de comunicación. Este trabajo presenta los resultados de un estudio en una escuela en el 2º y 3º ciclo - Escola EB 2 / 3 de Celeirós - en Braga, al norte de Portugal, con una muestra de 98 estudiantes que asisten al 2º ciclo y edades comprendidas entre los 9 y los 14 años, a través de un cuestionario destinado a reunir información sobre las prácticas de los medios de estos niños y la existencia o no de la mediación de los padres en este proceso. Este estudio es parte de la Maestría en Estudios para niños - Tecnologías de la Información y la Comunicación - Universidad de Minho en Braga, Portugal.

**Palabras clave:** prácticas mediáticas, televisión, niños, mediación parental.

### **Abstract**

The media, and television in particular, play a key role in the socialization process of children. The family, while it takes over as the primary socializing agent of children, also represents the first context in which the child interacts with the media. This paper presents the results of a study in a school on the 2nd and 3rd cycle - Escola EB 2 / 3 of Celeirós - in Braga, northern Portugal, with a sample of 98 students who attend the 2nd cycle and aged between 9 and 14 years, through a questionnaire intended to gather information concerning the media practices of these children and the existence or not of parental mediation in this process. This study is part of the Masters in Child Studies - Information Technology and Communication - University of Minho in Braga, Portugal.

**Keywords:** media practices, televisión, children, parental mediation.

### **INTRODUÇÃO**

Actualmente os media fazem parte integrante das nossas vidas e, de uma forma muito especial, da vida das crianças.

Desde muito tenra idade que as crianças têm acesso a um conjunto considerável de meios de comunicação que condicionam, em larga escala, os seus comportamentos e atitudes e intervêm no seu processo de socialização.

Se tivermos em conta que as crianças realizam as suas primeiras aprendizagens através da observação, experimentação e imitação e que «ver televisão» é uma das actividades que mais gostam de realizar, facilmente concluímos que a televisão ocupa um lugar cativo na formação de modelos nestas faixas etárias.

Não só a televisão, mas os media em geral, veiculam modelos de acção que condicionam, inúmeras vezes, os comportamentos e as atitudes dos indivíduos que com eles interagem. Assim, é importante que se compreenda que a forma como cada indivíduo utiliza, recebe e processa o que é transmitido pelos media está condicionado por uma série de factores como o contexto familiar, os valores, os estilos de vida, o nível socioeconómico, os interesses pessoais, a idade ou até mesmo o sexo (PEREIRA, 1999).

De acordo com o artigo 8º da Lei 31A de 14 de Julho de 1998 da Constituição da República Portuguesa, a televisão generalista em Portugal deverá cumprir três funções primordiais: entreter, informar e formar. Contudo, a experiência dos últimos anos, nomeadamente com o aparecimento dos canais privados e por cabo, leva-nos a concluir que a função “formar” está cada vez mais desvalorizada. A verdade é que a nossa televisão cada vez informa menos e o que se verifica, de facto, é que ela não passa de um divertimento que, no limite, aliena as pessoas da sua realidade (PINTO, 2002).

O papel da família é essencial na relação que a criança estabelece com os media, nomeadamente com a TV. Analisando a opinião de Manuela Santos

(2003), a relação que os pais/família estabelecem com a TV é um tanto ambígua, pois, se por um lado consideram que ela priva as crianças de tempo para estudar, brincar ou praticar desporto, incentivando-as a uma vida sedentária e tornando-as demasiado passivas ou, até mesmo, violentas, por outro, atribuem-lhe a competência de educar, instruir e ensinar. Ainda de acordo com a autora, os pais/família queixam-se dos efeitos perniciosos da TV nos seus filhos, mas adoptam-na como “baby-sitter” por excelência durante horas.

Ao realizarmos uma pequena radiografia sobre o dia-a-dia das crianças portuguesas, indubitavelmente nos apercebemos que grande parte do seu tempo é passado longe dos pais ou de qualquer outro adulto significativo. Muitas vezes verificamos que, a televisão, o computador ou as consolas de jogos são a única companhia e distração das crianças ao longo do dia.

A falta de mediação parental ou familiar, face ao consumo televisivo das crianças, traduz-se numa maior intensidade dos hábitos televisivos e, ao mesmo tempo, numa desadequação no que concerne aos conteúdos programáticos, uma vez que são elas próprias que escolhem o que querem ver e a que horas o fazem. Esta “liberdade” origina, na maioria das vezes, escolhas programáticas inadequadas à faixa etária em questão (ESCÁMEZ, 2005).

Sendo a TV uma fiel companheira das crianças e uma fonte inesgotável de modelos de comportamento que estas facilmente assumem, é fundamental compreender quais as suas preferências televisivas e até que ponto os pais/família e a escola podem orientá-las no sentido de utilizar, não só a televisão, mas os media em geral, como ferramentas de construção de uma identidade sólida e do espírito criativo e socialmente crítico. É igualmente fundamental que se compreenda até que ponto e de que forma se estabelecem os processos de mediação parental na relação das crianças com os media. Neste sentido, é importante que os pais/família assimilem a ideia evidente de que os media são eficazes ferramentas ao nível da formação pessoal das crianças e exercem enorme poder sobre elas. Portanto, é, também, indispensável que se forneçam às famílias instrumentos que lhes permitam compreender a importância de “ensinar” as suas crianças a utilizarem os media correctamente.

### **Objectivos e metodologia do estudo**

A elaboração deste projecto parte, além da pertinência actual do tema na sociedade portuguesa e dos fundamentos acima enunciados, da identificação de uma necessidade - que se revela, simultaneamente, um problema - da comunidade educativa do Agrupamento de Escolas de Celeirós, em Braga (norte de Portugal) - em concreto a Escola EB 2/3 de Celeirós - em compreender as práticas mediáticas das crianças do 2ºCiclo que frequentam esta escola e em saber de que forma, enquanto agente educativo, a escola poderá orientar pais e famílias na mediação deste processo.

A metodologia utilizada neste projecto foi de natureza quantitativa. A aplicação de questionários segue o paradigma quantitativo e permitiu fazer uma recolha extensiva de dados.

Este estudo envolveu um grupo de cem crianças que frequenta o 2ºCiclo da Escola EB 2/3 de Celeirós, em Braga, com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos. A amostra foi seleccionada de forma aleatória entre um universo de duzentos e vinte e quatro alunos. Os instrumentos utilizados para a

recolha de dados foram os questionários individuais, anónimos e distribuídos aleatoriamente.

Para a distribuição deste questionário foi dada a autorização da Direcção Executiva do Agrupamento de Escolas de Celeirós.

### **Apresentação e discussão dos resultados**

Na tentativa de compreender algumas questões relacionadas com as práticas mediáticas das crianças envolvidas no estudo, recorreremos à estatística descritiva.

Dos cem questionários distribuídos, foram devolvidos noventa e oito. De entre os noventa e oito inquiridos, 56% são do sexo masculino e 44% do sexo feminino, 70,3% têm dez anos de idade, 22% têm onze anos e os restantes 7,7% entre nove, doze e catorze anos (gráfico 1).

Uma das questões iniciais colocadas às crianças, e à qual demos grande importância, foi saber qual as actividades que mais gostam de praticar nos tempos livres. Conforme se pode verificar no gráfico 2, as três actividades preferidas pelas crianças inquiridas são “Ver TV”, “Jogar computador” e “Jogar à bola”. Verificámos, também que as crianças do sexo masculino lideram a percentagem de preferências nestas três actividades, sendo que as crianças do sexo feminino apenas aparecem em maior percentagem nas opções “Estar na internet” e “Brincar”.

Outra questão que também nos suscitou interesse foi o tempo que as crianças inquiridas despendem, em média e por dia, durante a semana e fim-de-semana, a realizar algumas actividades como “Ver TV”, “Estar na internet”, “Jogar videojogos”, “Ler” e “Brincar”. De acordo com as respostas obtidas concluímos que o tempo que as crianças passam a fazer cada uma das actividades acima referidas é variado, dependendo do género dos inquiridos. Assim, e de acordo com os dados obtidos (que podem ser constatados nos gráficos 3 e 4), verificámos que os inquiridos do sexo feminino, na sua maioria, passam menos de uma hora, durante a semana, a realizar qualquer uma das actividades supracitadas, com excepção de “Ler” que o fazem entre uma a duas horas. Em relação aos inquiridos do sexo masculino os valores são mais heterogéneos, variando de acordo com a actividade desenvolvida. Durante o fim-de-semana a diversidade dos valores de tempo despendido de acordo com a actividade realizada, mantém-se, tendo em conta, novamente, o sexo dos inquiridos (gráficos 5 e 6).

As circunstâncias que levam as crianças a ver televisão, foi, também, uma das questões colocadas aos inquiridos. À questão inicial “Quando é que costumam ver TV?” foram dadas oito opções de resposta, entre as quais deveriam ser escolhidas apenas três. De entre as opções seleccionadas, verificámos que as três mais escolhidas foram “Quando não tenho companhia para fazer outra coisa”, “Quando não tenho trabalhos de casa” e “Quando tenho tempo livre”. Novamente verificámos que as respostas variam de acordo com o género dos inquiridos, como podemos observar através da análise do gráfico 7. O cariz destas respostas leva-nos a refutar e reforçar a ideia defendida por alguns autores de que a televisão assume, na vida das crianças, o papel de “baby-sitter”. Apurámos, também, que as crianças escolhem ver televisão quando não têm companhia para fazer outra coisa, ou seja, a TV acaba por “servir de companhia” nas longas horas que as crianças passam

sozinhas em casa. Este aspecto leva-nos a reflectir profundamente sobre a necessidade urgente de se trabalhar verdadeiramente numa “Educação para os media” que englobe, não só as escolas portuguesas, mas também as famílias destas crianças, uma vez que estas são os dois principais agentes socializadores da criança.

Ainda neste sentido, foi de igual modo importante recolher informação relativamente à forma como as crianças vêem televisão, ou seja, compreender se estas se encontram sozinhas ou acompanhadas quando realizam esta actividade e, no caso de estarem acompanhadas, por quem. Ao analisarmos os dados recolhidos, aferimos que cerca de 34% dos rapazes vê televisão sozinho, enquanto 30% das raparigas o faz na companhia da mãe (gráfico 8). Ainda assim, a grande maioria dos inquiridos assume ver televisão muitas vezes na companhia de alguém. Através destas respostas consideramos que a TV se assume como um elo de ligação familiar, uma vez que o “ver TV” se manifesta como uma prática quotidiana que facilita o convívio entre os elementos que constituem uma família. Devemos ter em conta que estas práticas mediáticas em família dependem, em larga escala, de factores como o contexto familiar, os valores ou os interesses pessoais e variam de acordo com a idade e o sexo dos indivíduos. (PEREIRA, 2009)

A importância de perceber, não só o tempo que as crianças passam por dia a ver TV, durante a semana e fim-de-semana, mas também até que horas o fazem, tornou-se, igualmente, uma questão essencial. Assim, e depois de analisadas as respostas, concluímos que, a grande maioria das crianças inquiridas, durante a semana, vê televisão até às 21h/22h (gráfico 9), sendo pouco significativa a percentagem que ultrapassa este horário, bem como a diferença de respostas dadas de acordo com o sexo. Durante o fim-de-semana verifica-se maior diversidade no que concerne às respostas dadas pelas crianças; contudo, a maioria dos inquiridos vê TV até às 23h (gráfico 10).

Para tentarmos perceber até que ponto os pais/família intervêm no processo de recepção televisiva dos filhos, perguntámos às crianças se estes os proibem de ver algum programa na televisão. As respostas foram contundentes. Cerca de 66% das crianças afirmam que não têm qualquer tipo de restrição quanto aos programas que vêem na televisão e apenas 19% afirmam que os pais os proibem de ver programas que envolvam, nomeadamente, violência, pornografia e terror (gráfico 11).

Salientamos, também que, neste questionário se perguntou às crianças quais os dois canais e programas televisivos preferidos. As respostas foram, também, claras na medida em que, a maioria dos inquiridos, colocou os canais generalistas portugueses SIC e TVI no topo das suas preferências, ao lado dos canais por cabo PANDA e DISNEYCHANNEL. Em relação aos programas televisivos, quer rapazes, quer raparigas, referem a telenovela juvenil portuguesa “Morangos com açúcar” como líder das suas preferências. Destacamos que as telenovelas são as preferidas das raparigas, enquanto os programas de futebol e os desenhos animados lideram as opções dos rapazes. Ainda neste contexto de programação televisiva, realçamos o facto de muitas crianças assistirem a programas que, a nível de conteúdo, não são apropriados às idades em causa. Falamos, nomeadamente, das séries televisivas norte-americanas CSI que passam nos canais generalistas portugueses e nos canais de televisão por cabo. Este exemplo é claro no que concerne à carência severa de mediação parental face aos processos de recepção mediática das crianças.

Este facto revela, também, que, na maioria das vezes, quando as crianças assistem a determinados programas televisivos na companhia dos pais ou outros familiares, são as preferências programáticas desses adultos que imperam e não as das crianças.

Analisando os resultados obtidos a partir deste estudo, torna-se imperioso que se siga um caminho que conduza no sentido de alertar pais e famílias para a importância da mediação relativamente aos processos de recepção dos media por parte das crianças. Cabe à escola, enquanto agente educativo, fornecer meios profícuos e exequíveis para que este caminho se percorra de forma a conseguirmos veicular uma verdadeira “Educação para os media”.

Numa sociedade em que cada vez mais as crianças aprendem com o que vêem na TV ou encontram na internet, e menos com a família e a escola, é fundamental que se reconheça a verdadeira importância que gira acerca deste assunto.

Acreditamos que, numa primeira análise, este tema possa surgir como “secundário”, quando, no nosso dia-a-dia nos confrontamos com questões de, hipoteticamente, maior importância. Mas numa sociedade em que cada vez mais se “emitam” comportamentos e situações que tomamos conhecimento através dos media; numa sociedade em que os media veiculam notícias que, de alguma forma, afectam, positiva ou negativamente, as crianças e as sensibilizam em movimentos de solidariedade notáveis ou se manifestam em episódios de violência extrema; numa sociedade que afirma que as crianças passam cada vez mais tempo em frente ao computador/TV e menos tempo a estudar, a ler ou, até mesmo, na rua a brincar; não será imperativo que a “Educação para os media” se faça, não só nas escolas para as crianças, mas também para suas famílias? Não poderemos nós utilizar a “Educação para os media” como uma ferramenta imprescindível na formação de sujeitos socialmente activos e interventivos, dotadas de espírito crítico capazes de tornar as nossas escolas e, naturalmente, a nossa sociedade, espaços onde a democratização destas seja o principal objectivo?

Em Portugal ainda há um longo caminho a percorrer no sentido da educação para os media, mas acreditamos que, passo a passo, possamos ir alterando mentalidades e despertando consciências.

### **Síntese final**

Os resultados obtidos através deste estudo permitem-nos compreender algumas questões relacionadas, nomeadamente, com o lugar que os media ocupam na vida das crianças envolvidas, bem como os contextos em que se realiza a exposição aos media e a mediação parental sobre todo este processo.

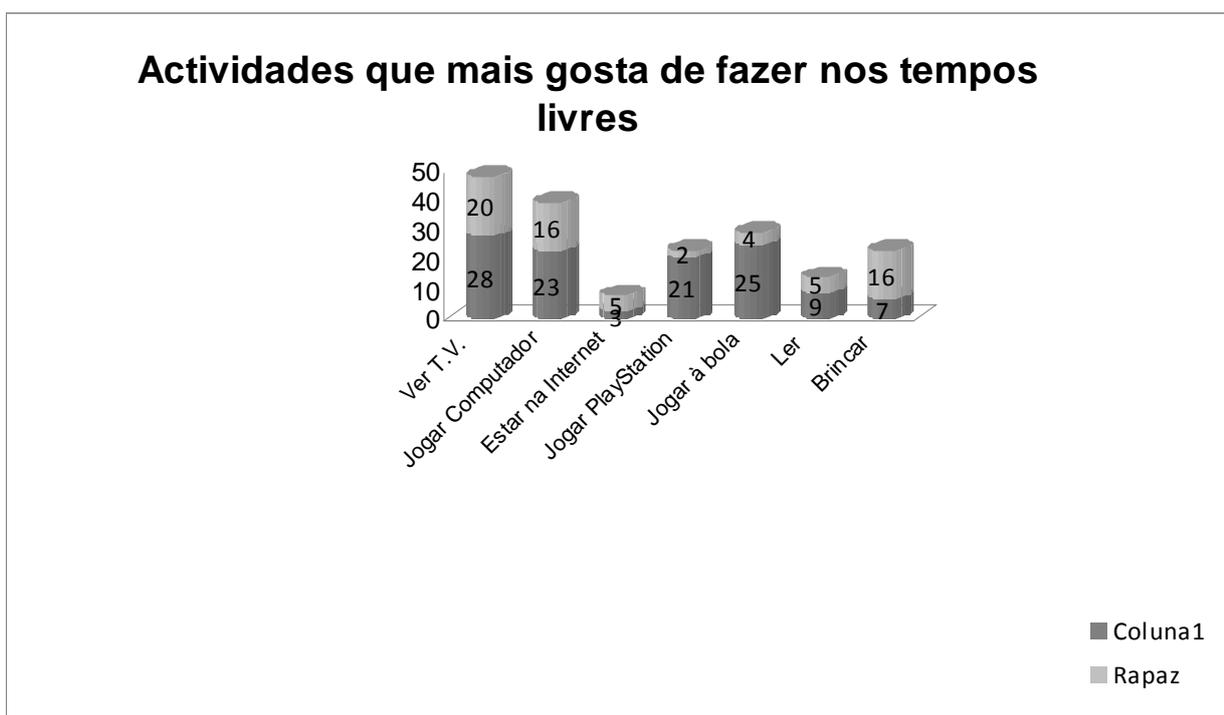
A maioria dos inquiridos revelou que uma das actividades que realizam com maior frequência nos tempos livres é “ver televisão”, indicando este resultado que, apesar da importância que, sobretudo, a Internet tem vindo a ocupar no quotidiano das crianças, a televisão continua a ser o media preferido e mais utilizado por elas.

Uma questão de extrema importância para nós foi tentar entender até que ponto os pais ou família intervêm nos processos mediáticos dos seus filhos. A quantidade de respostas dadas sobre a “não proibição” de ver determinados programas na televisão, assumiu-se como preocupante e levantou-nos outras questões. Assim, prevê-se que este estudo tenha uma

continuidade futura no levantamento mais exaustivo de dados de forma a aprofundar determinadas questões e problemáticas. Propomo-nos, portanto, efectuar uma entrevista de grupo, seleccionando alguns dos alunos que responderam ao questionário e distribuir questionários pelos pais e famílias das crianças envolvidas neste estudo.

O objectivo deste trabalho futuro reside, sobretudo, na importância de verificar a mediação parental nas práticas mediáticas destas crianças de forma a propor um caminho para que as famílias ajudem as crianças a utilizarem os media de uma forma correcta e equilibrada.

**GRÁFICO Nº1**  
**GRÁFICO Nº2**



**GRÁFICO Nº3**

### Actividades realizadas durante a semana pelas raparigas (tempo médio)

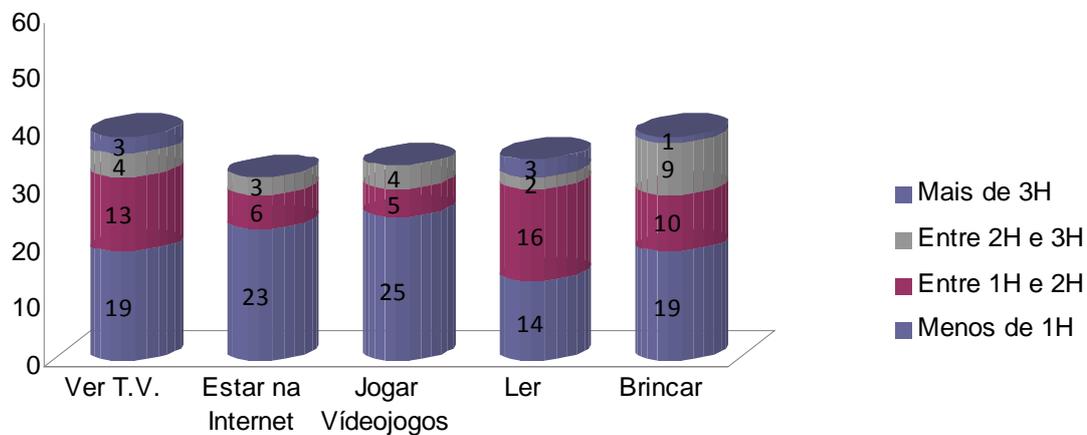
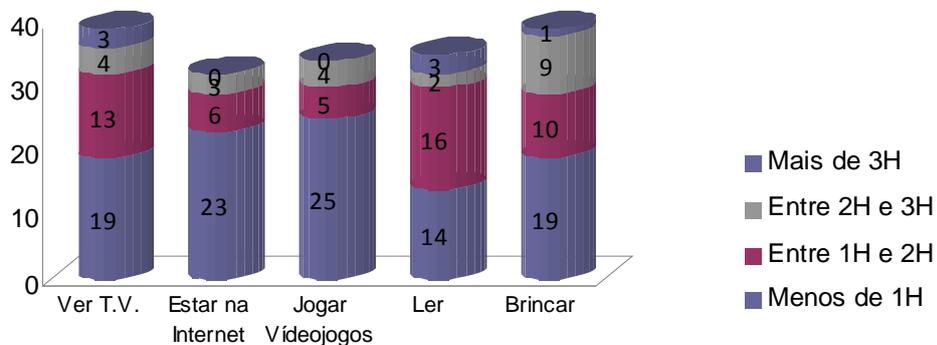
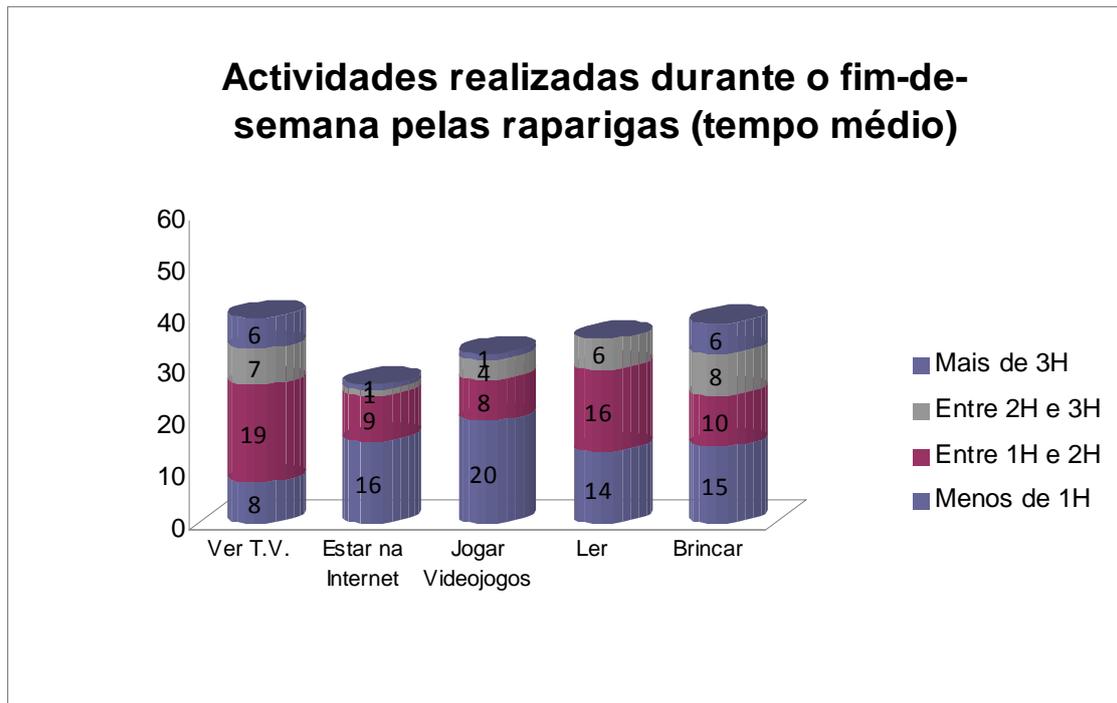


GRÁFICO Nº4

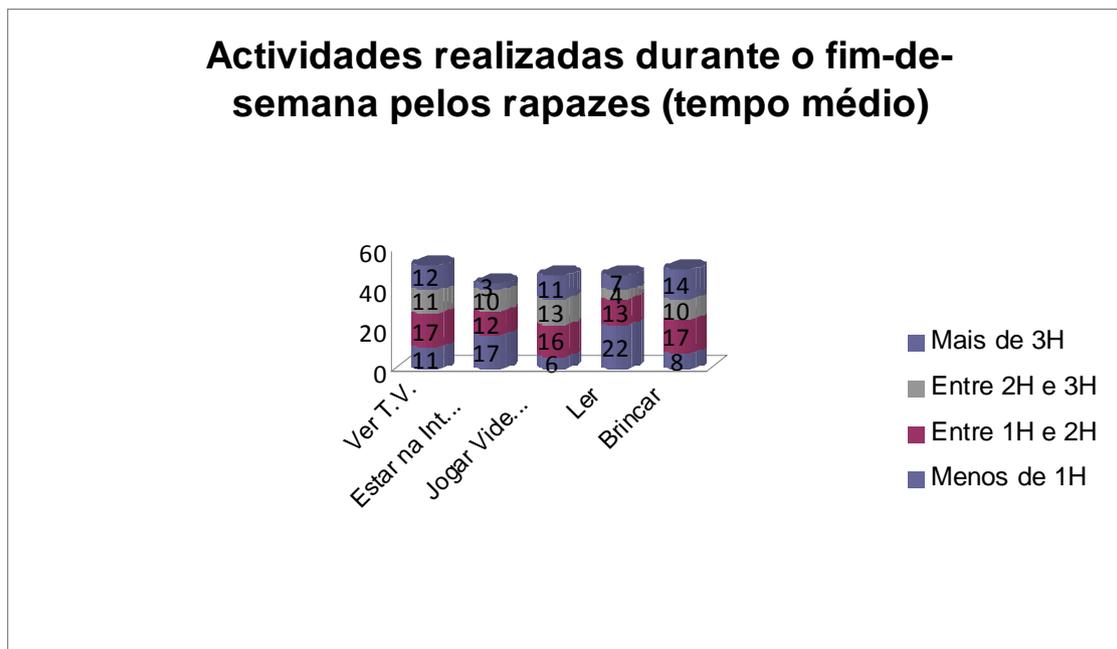
### Actividades realizadas durante a semana pelos rapazes (tempo médio)



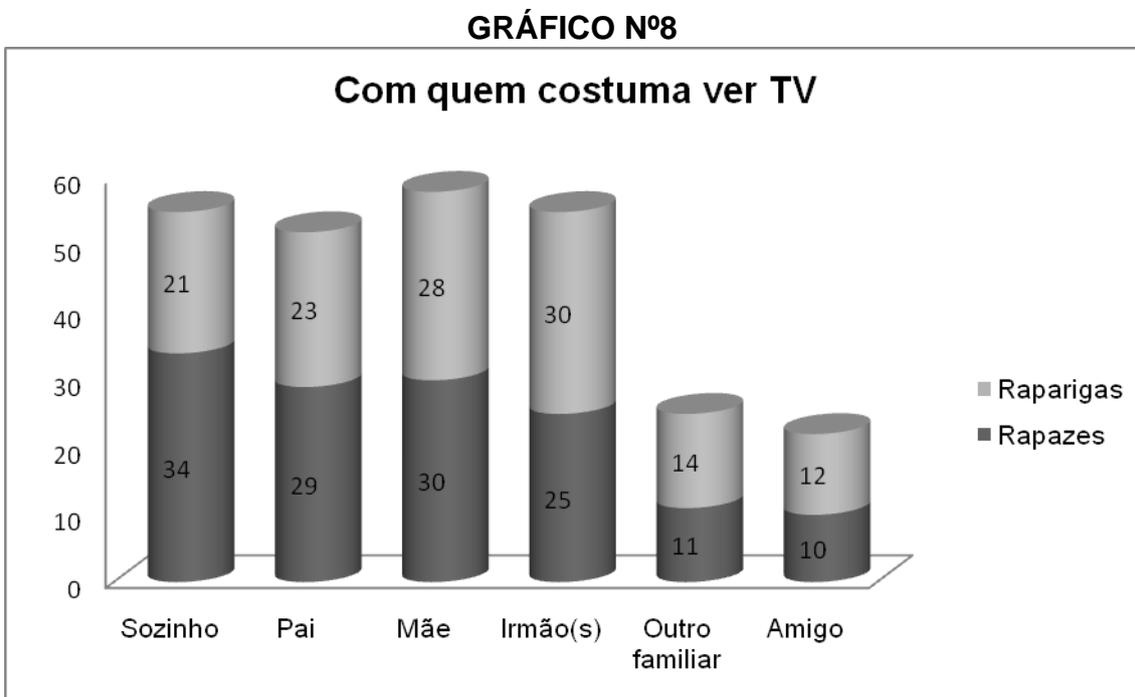
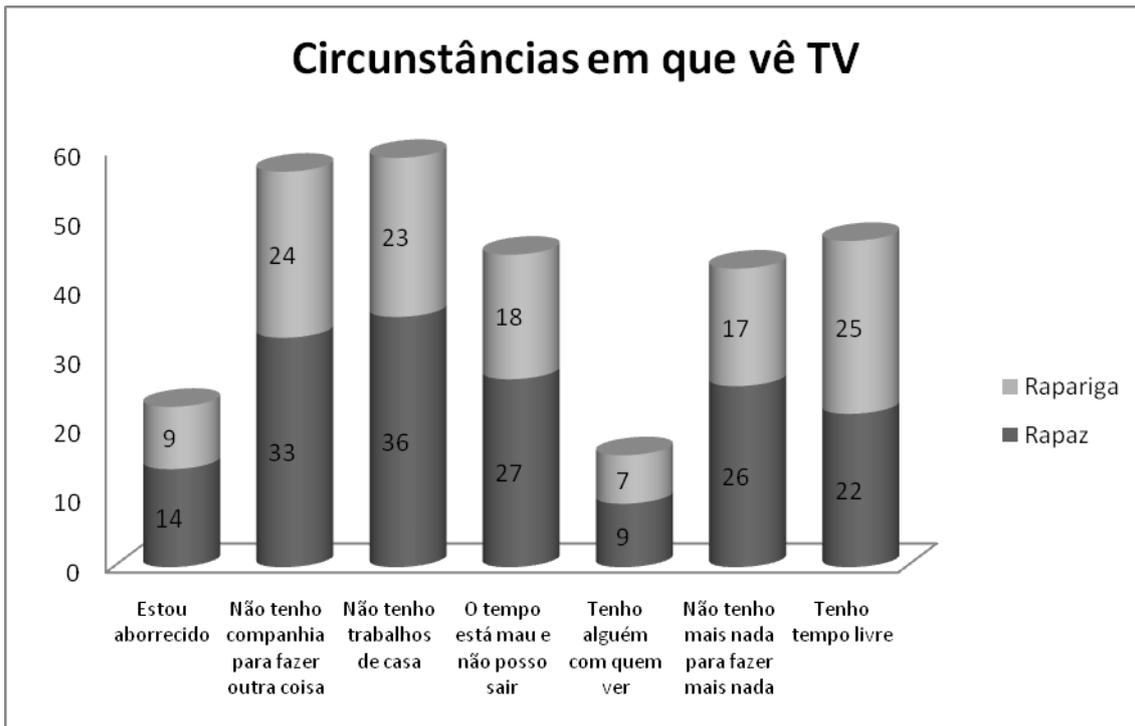
**GRÁFICO Nº5**



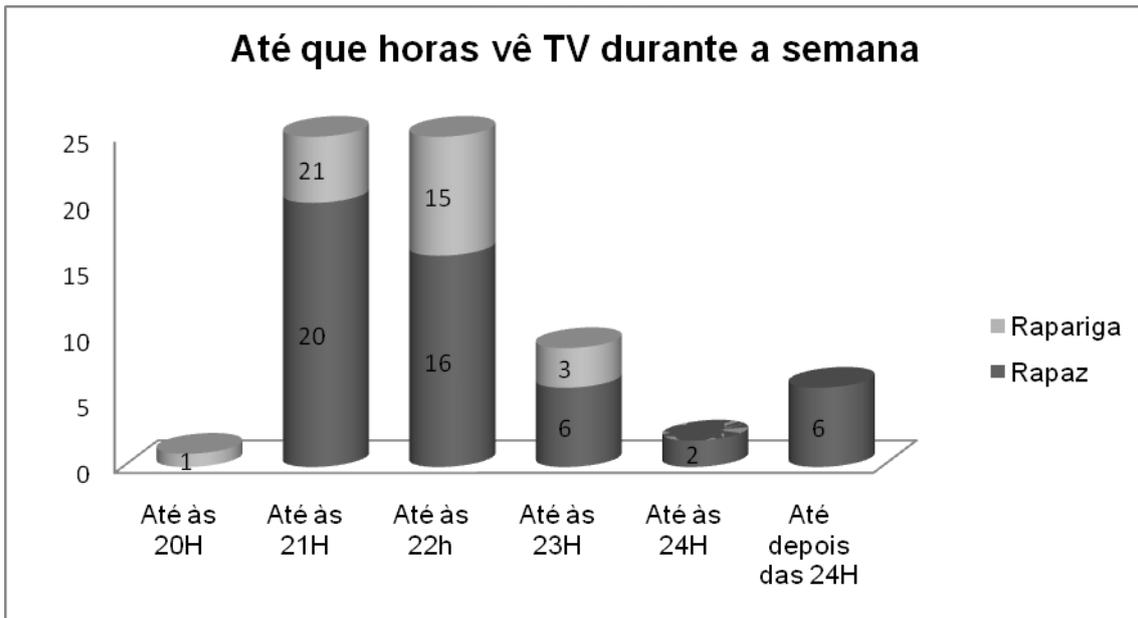
**GRÁFICO Nº6**



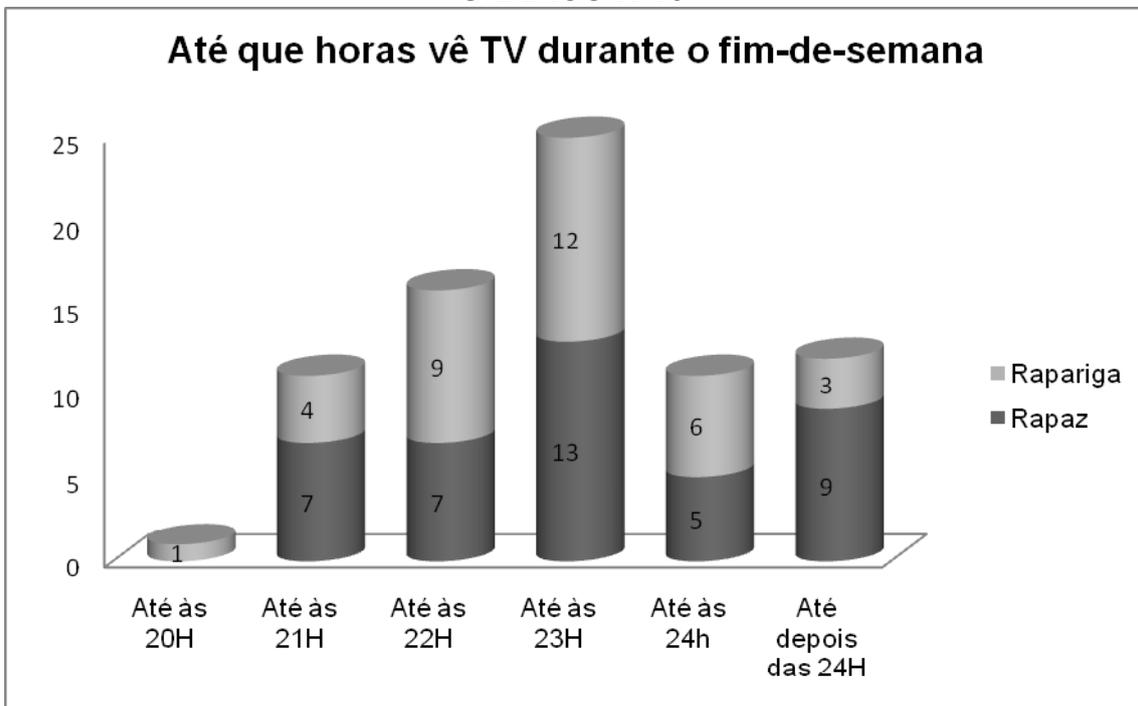
**GRÁFICO Nº7**



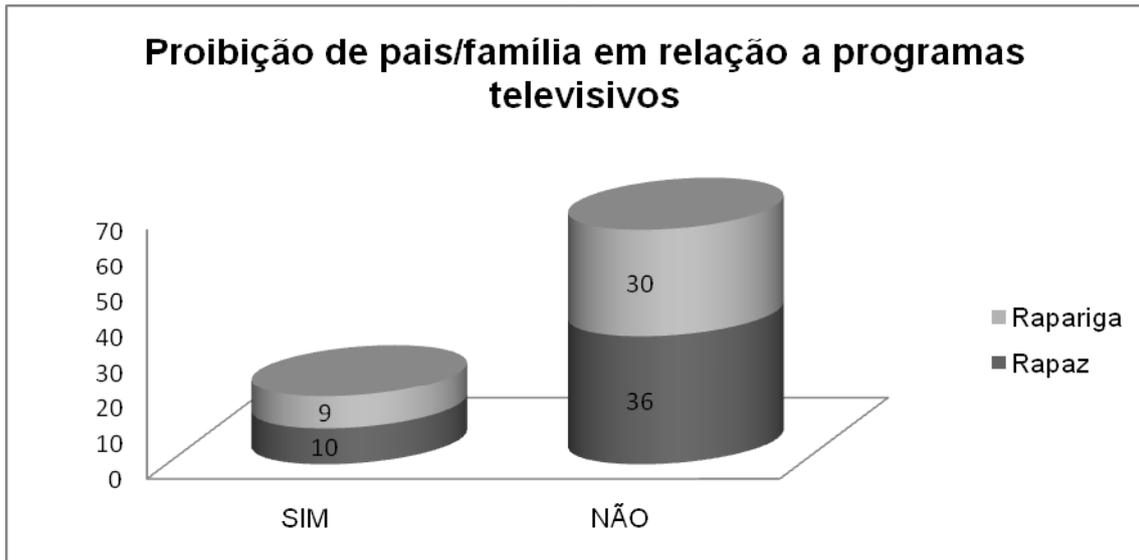
**GRÁFICO Nº9**



**GRÁFICO Nº10**



**GRÁFICO Nº11**



### Referencias bibliográficas

AIERBE-BARANDIARAN, A. & MEDRANO-SAMANIEGO, C. (2008). "Usos televisivos de los adolescentes y su relación con los valores". *Comunicar* 31; 109-114.

DEL RIO-PEREDA, P. & DEL RIO-ÁLVAREZ, M. (2008). "La construcción de la realidad por la infancia española a través de su dieta televisiva". *Comunicar* 31; 99-108.

FERRÉS-I PRATS, J. (2005). "La familia frente al televisor: ¿víctima o culpable?". *Comunicar* 25.

GABELAS-BARROSO, J.A. (2005). "Televisión y adolescentes, una mítica y controvertida relación". *Comunicar* 25.

GARCÍA-MATILLA, A. & MOLINA-CAÑABATE, J.P. (2008). "Televisión y jóvenes en España". *Comunicar* 31; 83-90.

MARTA-LAZO, C. (2008). "El proceso de recepción televisiva como interacción de contextos". *Comunicar* 31; 35-40.

PEREIRA, S. (1999). *A televisão na família - processos de mediação com crianças em idade pré-escolar*. Minho: Edição Centro de Estudos da Criança.

PINTO, M. (2002). *Televisão, família e escola*. Lisboa: Editorial Presença.

RODRÍGUEZ-ESCÁMEZ, A. (2005). “Los efectos de la televisión en niños y adolescentes”. *Comunicar* 25.

SANTOS, M. (2003). *A educação para os media no contexto educativo*. Lisboa: ED. Instituto de Inovação Educacional.